

MIN E AS MÃOZINHAS: RELEVÂNCIAS SOCIAIS NA COMUNICAÇÃO DA PRIMEIRA ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS¹

MIN AND THE LITTLE HANDS: SOCIAL RELEVANCE OF THE FIRST
ANIMATION PRODUCED IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE IN
COMMUNICATION

MIN Y LAS MANOS: RELEVANCIAS SOCIALES EM LA
COMUNICACIÓN DE LA PRIMERA ANIMACIÓN PRODUCIDA EM
LENGUA BRASILEÑA DE SEÑALES

Diogo Medeiros²

Iraci Helena de Oliveira Falavina³

RESUMO

Min e as mãozinhas é a primeira animação produzida completamente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Nesse artigo, apresentamos os resultados de um estudo de caso que considerou: os aspectos culturais e linguísticos do povo surdo para conhecer suas demandas e especificidades; qual suporte midiático possui melhor efetividade na comunicação com o povo surdo e a relevância sociológica da produção midiática de Min e as mãozinhas.

Palavras-chave: Comunicação. LIBRAS. Animação. Aprendizagem. Ensino.

ABSTRACT

Min and the little hands is the first animation entirely produced in the Brazilian Sign Language (LIBRAS). This article presents the results of a case study that analyzes the cultural and linguistic aspects of the deaf people, in order to get to know their demands and specificities; which media platform has better effectiveness in communication with deaf people, and the sociological relevance of Min's and the little hands media production.

Keywords: Communication. Brazilian sign language. Animation. Learning. Teaching.

RESUMEN

Min y las manos es la primera animación producida completamente en la Lengua de Señales Brasileña (LIBRAS). En este artículo, presentamos los resultados de un estudio de caso que analiza: aspectos culturales y lingüísticos del pueblo sordo para conocer sus demandas y especificidades; que el soporte mediático tiene mejor efectividad en la comunicación con el pueblo sordo y la relevancia sociológica de la producción mediática de Min y las manos.

Palabras Clave: Comunicación. Lengua de Señales Brasileña. Animación. Aprendizaje. Enseñanza

¹ O autor e a autora agradecem a colaboração da Prof.ª Maria José Baldessar (UFSC), Doutora em Comunicação e orientadora do trabalho.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina

³ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina

1. INTRODUÇÃO

A animação *Min e as mãozinhas*⁴ é o primeiro desenho animado produzido inteiramente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Voltado ao público infantil, a animação tem um episódio piloto disponível no *Youtube*, na data de produção deste artigo. As crianças surdas podem se ver/identificar na protagonista e visualizar situações pelas quais passam ou já passaram. O *Min* não conduz uma criança surda a compreender uma comunicação que não é sua, mas o contrário.

Quando iniciamos um trabalho com o objetivo de analisar o conteúdo midiático voltado para um público-alvo do qual não fazemos parte, nesse caso o público surdo, é importante nos debruçarmos sobre seus aspectos culturais e linguísticos para apreender seus modos de viver e experienciar a realidade. A partir dos Estudos Culturais, Estudos Surdos e Teorias da Comunicação, buscamos responder qual o melhor suporte para se produzir um produto midiático voltado às especificidades desse público e, então, realizar uma análise da influência e relevância da primeira animação em LIBRAS. Para dar conta desse objetivo, formatamos nossa análise em três tomos: a) estudamos os aspectos culturais e linguísticos do povo surdo para conhecer suas demandas e especificidades; b) buscamos responder qual suporte midiático possui melhor efetividade na comunicação com o povo surdo; e c) analisamos a relevância sociológica da produção midiática *Min e as mãozinhas*.

2. ASPECTOS CULTURAIS E SOCIOLÓGICOS DOS SUJEITOS SURDOS

As últimas duas décadas foram importantes ao desenvolvimento e reconhecimento da cultura surda a partir de uma série de políticas públicas implantadas no país que regulamentaram a Língua Brasileira de Sinais como segunda língua oficial do Brasil. O reconhecimento está na Lei 10.436 (BRASIL, 2002) e de promoção à cultura e identidade surda, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que regula a participação e acesso dos alunos com necessidades diferenciadas de aprendizagem, e a Lei 10.098 (BRASIL, 2000), que recomenda a eliminação de entraves na comunicação que impeçam ou dificultem o acesso de informações por intermédio de tecnologias assistivas a pessoas portadoras de deficiência. Mesmo o termo pessoas portadoras de deficiência sendo um paradigma já superado nos Estudos Surdos porque remete a defeito e, portanto, a algo que deva ser solucionado, a lei, supracitada, e

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCJtOTvG4EvBGkvtTVVv8Lpg>. Acesso em 29 out. 2019.

outras políticas públicas implementadas nos últimos anos abriram caminho à pesquisa e promoção de comunicação voltada ao povo surdo.

A quem nos referimos quando usamos o termo povo surdo? É impossível pensar em sujeitos surdos a partir de uma concepção unívoca, homogênea e coesa na percepção de indivíduos pós-modernos. “As identidades modernas estão sendo descentradas” (HALL, 2011, p. 8) e os sujeitos pós-cartesianos, em especial após a globalização, são dotados de capacidade de mudança radical, rápida e constante, que produz redes identitárias virtuais que se deslocam e fragmentam o núcleo interior muito rapidamente. Assim, produzem um fenômeno de múltiplos centros identitários que se sobrepõem e se deslocam em si, para si e de si. Tal fenômeno ocorre no interior do sujeito a partir das influências culturais externas e em direção ao tecido social ao qual pertence. Partilha dessa definição a autora e pesquisadora surda Karin Strobel, que se apoia em uma perspectiva dos Estudos Culturais para conceituar a identidade de sujeitos surdos como identidades, no plural, assim como suas culturas. Diz a autora que: “Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual.” (STROBEL, 2008, p. 38). Ou seja, são indivíduos conectados pela sua leitura visual de mundo, independente de seus graus de audição. Já a comunidade surda são todas as pessoas envolvidas nos artefatos culturais surdos, como intérpretes de LIBRAS, por exemplo, e sua cultura não é homogênea.

De acordo com Débora Rodrigues Moura (2016), uma perda auditiva leve é caracterizada por uma audição capaz de captar sons acima de 40 decibéis, o que inclui uma pessoa falando alto e alguns fonemas. Uma perda de audição moderada pode não captar valores menores que 55 decibéis, mas que esses valores são influenciados também pela frequência sonora medida em Hertz. “Compreender essa complexidade inerente às perdas auditivas é importante para perceber que diferentes pessoas com perdas auditivas leves podem escutar, ou não, sons diferentes” (MOURA, 2016, p. 9).

Partindo da compreensão dos níveis de audição é possível perceber que existem diferentes formas dos sujeitos surdos se relacionarem com a linguagem. Sujeitos surdos sinalizados foram alfabetizados em linguagem de sinais e são aptos a comunicar sua língua materna, a língua de sinais, mas nem todos os sujeitos surdos são sinalizados, seja porque seus pais os percebem como deficientes auditivos e os forçaram a tomar a cultura ouvinte como materna, seja os impedindo de se sociabilizarem com a cultura surda, provocando ônus na formação identitária desses sujeitos, entre outras razões.

Destacamos, para nossos objetivos, as razões que proporcionam entraves à sinalização dos sujeitos surdos enquadradas na sociabilidade e nos meios de comunicação.

Quando a família nega a participação das crianças surdas ao povo surdo, ela poderá fazer com que essas crianças acreditem que é ruim ser surdo, e isso prejudicará o desenvolvimento sadio da identidade delas (STROBEL, 2008, p. 101).

Os sujeitos surdos implantados são indivíduos que usam o implante coclear para aumentar o grau de audição. Já os surdos oralizados são sujeitos que compreendem ou não a linguagem de sinais, em geral convivem com sujeitos ouvintes e utilizam a língua oral para se comunicarem – nas modalidades oral, oro-facial (leitura labial) ou leitura/escrita. Aos sujeitos surdos oralizados e não sinalizados é importante a existência de legendas ocultas em produções visuais para a recepção de conteúdo. Sujeitos surdos que habitam zonas rurais ou não têm acesso à língua de sinais utilizam gestos caseiros, ou *gestos emergenciais* para efetivarem sua comunicação.

Tendo em vista as diferenças de se relacionarem com a linguagem, buscamos compreender qual o melhor suporte comunicacional para uma comunicação efetiva com o povo surdo. A partir do último relatório de Pesquisa Brasileira de Mídia (SECOM, 2016), que revelou os quatro meios mais usados pela população brasileira como, respectivamente, TV, internet, rádio e jornal, dividimos a análise a partir dos suportes linguísticos quantitativamente preponderantes à população brasileira: gráfico, áudio e visual; para descobrir qual ou quais apresenta(m) melhor recepção pelo público surdo.

3. SUPORTES COMUNICACIONAIS

Suportes comunicacionais são plataformas utilizadas na distribuição e veiculação de produtos midiáticos. Cada um deles possui suas especificidades e particularidades no que tange aos métodos de produção, sua linguagem e recepção. Na já citada Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, o Brasil reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como forma oficial de comunicação. Tanto Brasil quanto Portugal possuem legislações que apontam ao bilinguismo (COELHO et. al, 2016, p. 222), ou seja, o aprendizado de pessoas surdas envolveria tanto a Língua de Sinais quanto a Língua Portuguesa escrita. Entretanto, a linguagem motora-visual é a primeira língua das pessoas surdas, por fazer parte de suas descobertas primárias do mundo, uma vez que a ausência de som desencadeia a percepção do cenário ao redor através da visão. (STROBEL, 2008, p. 39). Uma forma alternativa ao uso da Língua Portuguesa na produção de conteúdo para pessoas surdas seria a escrita em Língua de Sinais (ELS), desenvolvida inicialmente por Valerie Sutton e traduzida no Brasil por

Marianne Rossi Stumpf (BREDA, 2016, p. 289-290). Essa forma de comunicação consiste na utilização de símbolos gráficos que representam os sinais feitos com as mãos. Não obstante, Macedo (2010) afirma que, para tornar um objeto de aprendizagem acessível, deve-se oferecê-lo em mais de um formato. O formato alternativo à linguagem gráfica sugerido é o formato sonoro, que não se aplica aos surdos.

Embora o paradigma de enxergar a surdez como uma deficiência tenha sido contornado, não se pode ignorar a condição em que se encontra esse público: a de não ouvir, tornando inviável o direcionamento de um produto sonoro. Encontramos, contudo, experiências radiofônicas destinadas a esse fim. Macedo (2010) expõe que a forma alternativa ao som seria a linguagem visual, que foi a utilizada pelos produtores das experiências radiofônicas, com a tradução em LIBRAS de programas de rádio.

Constatamos que a linguagem visual é o melhor suporte à comunicação com o público surdo por se tratar de sua linguagem preponderante e instintiva. A linguagem visual voltada ao público-alvo analisado produziu cartilhas com instruções para esses produtos, como a cartilha do Ministério da Justiça (BRASIL, 2009), cujas instruções se voltavam à Classificação Indicativa em Língua de Sinais da programação de televisão. Por exemplo, deve haver um contraste entre a cor da pele do intérprete e a cor das roupas (NBR 15.290) e o ideal é o uso de roupas sem detalhes, estampas e não usar acessórios. Além disso, o espaço da janela de LIBRAS precisa ter, pelo menos, uma altura que seja a metade da medida da altura do televisor, e uma largura que seja a quarta parte da largura do aparelho (BRASIL, 2016).

Ressaltamos a necessidade de legendas ocultas para sujeitos surdos não sinalizados e a distribuição de elementos gráficos. Em seu Guia 87 para Acessibilidade de conteúdo, a W3C (2008) estabelece informações acerca da elaboração dessas legendas e atenta para o fato de que as legendas ocultas, ou *closed captions*, são a tradução de todo o som advindo da mídia, e não apenas da fala.

4. EPISÓDIO PILOTO: ANÁLISE PRELIMINAR

Min e as mãozinhas possui uma narrativa alegre e tem como proposta ensinar, a cada episódio, alguns sinais, enquanto explora aspectos culturais do povo surdo. Inteiramente em LIBRAS, a animação foi produzida por Paulo Henrique dos Santos e o primeiro episódio, aqui analisado, conta oito minutos e 25 segundos de duração⁵. A proposta é que o desenho traga, a cada episódio, três novos sinais. O primeiro episódio começa com o Sol aparecendo e

⁵ Na data de revisão deste artigo, 29 de outubro de 2019, o canal disponibilizava 11 episódios.

ensinando o sinal de bom dia. A protagonista, Min, recebe a visita de um esquilo, que primeiro tenta chamar a atenção dela batendo na porta da casa dela. O esquilo percebe que os recursos sonoros não surtem efeito e aciona a campainha, que produz sinais luminosos, chamando a atenção da menina. Essa cena retrata pontos importantes de divergência na comunicação entre uma pessoa surda e uma ouvinte.

Figura 1: Recorte de cena da animação *Min e as mãozinhas*



Fonte: Canal do Youtube *Min e as mãozinhas*, 2019

Quando Min atende, o esquilo tenta falar com ela sinalizando com as mãos rapidamente, e mais uma vez sem estabelecer comunicação efetiva. A menina ensina ao esquilo o sinal de “oi” e pede para que ele se explique. Ele, ainda assim, não deixa clara a mensagem, mas sinaliza para que ela o siga. A dupla conhece um elefante, que também não consegue se comunicar com eles, a princípio. Min e o esquilo ensinam ao elefante como dizer “oi” e se apresentar em LIBRAS. Aqui há uma questão interessante da cultura surda: os nomes e a forma como a pessoa se apresenta se baseiam numa característica marcante dessa pessoa. No caso do elefante do desenho, o seu sinal é a mão deslizando ao longo do rosto, representando a tromba. Os três tentam descobrir que animal imprimiu as pegadas que o esquilo encontrou. Ao longo da história, o espectador aprende o sinal de sapo, gato e a soletrar “Min”. No fim do episódio a Lua substitui o sol e sinaliza “boa noite”.

A criança ouvinte constrói seu pensamento a partir do seu conhecimento das palavras e seus significados, incluindo o uso prático das regras lógicas e gramaticais. O surdo constrói

seu pensamento através da imagem visual, tendendo, assim, à subjetividade, uma vez que fixa mais acontecimentos que conceitos (JESUS, 2013, p. 35-37). O autor sugere, ainda, que excesso de elementos gráficos podem prejudicar a informação, o que não aconteceu em *Min e as mãozinhas*. Os recursos sonoros foram bem utilizados, sendo atrativos para o público ouvinte. A esse público-alvo, a imersão à cultura surda, de forma lúdica, tem papel importante na produção de austeridade.⁶ O desenho animado traz sinais da LIBRAS que são feitos de modo lento e repetidos, contribuindo para o aprendizado. Às crianças surdas que não dominam LIBRAS, a repetição e a velocidade da sinalização são fundamentais para consolidar o aprendizado. Segundo a Cartilha de Classificação Indicativa (BRASIL, 2009), sinalizar de modo devagar é mais efetivo para transmitir o significado. Também para esses espectadores, *Min e as Mãozinhas* é um marco na representatividade e possui relevância no retrato do cotidiano surdo.

5. CONSIDERAÇÕES

Durante a Idade Antiga, por volta do ano 470 a.C, os surdos foram classificados pelo filósofo Heródoto como “castigados pelos deuses”. Já na Idade Média, período que se estendeu de 476 a 1453, não era permitido aos surdos a comunhão por não poderem confessar seus pecados, além de existirem leis os proibindo de obterem heranças. A Idade Moderna, que foi de 1453 a 1789, e cuja alcunha foi adquirida por ser considerada um período de avanços em relação ao anterior, trouxe maiores ações quanto ao uso das línguas gestuais. O abade francês Michel de L’Epée (1712-1789) organizou o ensino a pessoas surdas em sua própria casa e se comunicava com eles combinando gestos e a gramática francesa. L’Epée fundou a primeira escola pública para surdos, o “Instituto Para Jovens Surdos e Mudos de Paris”. O abade recebeu diversas críticas de seus contemporâneos, que estavam acostumados ao ensino oral dessas pessoas; a sociedade francesa daquela época estava condicionada pela cultura ouvintista. A Idade Contemporânea, que se estende da Revolução Francesa de 1789 até os dias atuais, presenciou em 1817 a fundação da primeira escola para surdos nos Estados Unidos, a *American School For The Deaf*. Seu idealizador foi Thomas Hopkins Gallaudet,

⁶ Em entrevista aos canais de notícias G1 e FolhaPE, o diretor da animação, Paulo Henrique dos Santos, declarou que teve a ideia da produção em um casamento, ao falhar em comunicar-se com uma pessoa surda, sem saber como pedir sal. Ele então reconheceu a necessidade de que pessoas ouvintes entendam as dificuldades enfrentadas pelos surdos e saibam como lidar sem tentar condicioná-las à sua realidade. Disponível em: <https://glo.bo/2IRXMit>. Acesso em: 03 nov de 2018.

homenageado em 1854 na fundação da primeira universidade do mundo a possuir programas direcionados para pessoas surdas, a Universidade Gallaudet (Strobel, 2009).

No Brasil e em Portugal, o reconhecimento legal das Línguas de Sinais resultou da luta dos movimentos desses dois países (COELHO, et. al, 2016). Leis como a de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, são a consolidação de uma língua que é familiar aos Surdos desde sua infância, e que, portanto, lhes é natural. Após grandes períodos de comunicação oral e adaptação dos surdos à realidade ouvinte, Min e as mãozinhas possui um jeito divertido de explicar a condição de uma pessoa surda e ensinar alguns sinais, revertendo um padrão ouvintista e propondo uma nova estrutura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15.290:** Acessibilidade em comunicação na televisão. Rio de Janeiro: ABNT, 2005. Disponível em http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/NBR15290.pdf. Acesso em: 29 out. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico, 1988. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 03 nov. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. [on-line]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 03 nov. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. [on-line]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 03 nov. 2018.

BRASIL. **Guia Orientador para Acessibilidade de Produções Audiovisuais**. [2016, on-line]. Disponível em: https://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf. Acesso em: 02 nov. 2018.

BRASIL. **A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: Artecor Gráfica e Editora, 2009. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/classificacaolinguasinais.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. [2008, on-line]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: set. 2018.

BREDA, Valdenise Simone Melo Moulin. **A Aplicação da Escrita de Sinais, SignWriting, no Brasil**. Leitura, Maceió, v. 1, n. 57, p.286-305, jan./jun. 2016. Disponível em <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2827/2875>. Acesso em: 28 out. 2018.

COELHO, Orquídea Manuela Braga e Soares; KLEIN, Madalena; SANTOS, Angela Nediane dos. **Educação de surdos no Brasil e Portugal: políticas de reconhecimento linguístico, bilinguismo e formação docente.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 216-228, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n1/1517-9702-ep-S1517-9702201608148639.pdf> . Acesso em: 25 out. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

JESUS, L. Muller de. **Motion Graphic Design como ferramenta de educação a distância em libras.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica, Florianópolis, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107170/318441.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 out. 2019.

MACEDO, Claudia Mara Scudelari de. **Diretrizes Para Criação de Objetos de Aprendizagem Acessíveis.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2010.

MOURA, Débora Rodrigues. **Introdução à Libras.** Brasília: Escola Nacional de Administração Pública (Enap), 2016.

SECOM – SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO. **Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016** [online]. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em: 25 out. 2018.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4ª ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos.** Florianópolis: Editora UFSC, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 02 nov. 2018.

W3C-WCAG 2.0. **Web Content Accessibility Guidelines WCAG 2.0.** W3C WAI, 11 dezembro 2008. Disponível em <http://www.w3.org/TR/WCAG20/>. Acesso em: 02 nov. 2018.